

## **“A Tragédia do Investimento é Que Provoca a Crise Precisamente Porque é Útil”<sup>1</sup>**

**Autor: Denílson da Silva Araújo<sup>2</sup>**

O trabalho que segue tem a pretensão de recolocar em debate a importância dos investimentos produtivos para a dinâmica – crescimento e crise – do sistema capitalista. Buscamos analisar a variável a partir da interpretação feita por Marx, Keynes e Kalecki que, julgamos, melhor trataram do tema em diferentes momentos históricos da acumulação produtiva. Assim, por sua importância para fundamentação da teoria dos ciclos econômicos e dos investimentos produtivos, partiremos dos estudos de Marx na compreensão da acumulação e crise do modo de produção capitalista, antes de abordarmos as posições de Keynes e Kalecki.

Para mover o processo de produção os capitalistas realizam determinados gastos com investimentos (capital fixo, matéria-prima e força de trabalho). Esse processo terá como resultado a criação de mais-valia, mas não a realização de fato desta mais-valia, condição necessária para a reposição de um novo ciclo econômico e, por consequência, para a própria existência do capitalista como classe social. Há, portanto, um verdadeiro abismo entre a produção e a realização da mais-valia reconhecido por Marx e teorizado como um elemento de crise de reprodução, ou seja, de não realização da mais-valia. Esse é um problema próprio de demanda efetiva. Atentemos para o fato, relevante na análise de Marx, que as trocas no modo de produção capitalista são intermediadas pelo dinheiro o que, *per se*, condiciona a ruptura no processo de circulação. Mas, não se pode atribuir apenas à intermediação do dinheiro nas trocas a responsabilidade pelos problemas da não-realização da mais-valia. É importante que se atente para o fato de que no capitalismo a produção de mercadorias é superior a capacidade de absorção dos mercados. O próprio capitalista, como agente social da produção, demanda menos do que, em tese, oferta. Seus gastos com investimentos consubstanciam-se em capital constante mais capital variável ( $C+V$ ) enquanto contribui para a oferta com capital constante mais capital variável mais mais-valia ( $C+V+M$ ), ou seja, oferta um valor superior ao que demanda.

Em Kalecki, os lucros são determinados pelos gastos dos capitalistas em consumo e em investimento. Isso implica que quanto mais os capitalistas gastam maior a probabilidade de lucros para os mesmos. Ocorre que, na prática, apenas uma fração do  $M$  é realizada no mercado a cada ciclo econômico, concorrendo, por um lado, para o aumento dos estoques de mercadorias de consumo imediato e, por outro lado, para o aumento do estoque de capital fixo. Como o consumo da classe trabalhadora (mesmo admitindo que consuma a totalidade de seus rendimentos) não é suficiente para mover a reprodução do sistema e concluir o restante da realização da mais-valia, vê-se então o problema da realização ampliado. Para a solução desse impasse, tanto em Marx como em Kalecki (esse raciocínio está muito mais completo em Kalecki), deve-se continuar aumentando os gastos dos capitalistas. Isto é, faz-se necessário que aumentem seus consumos em bens de capital e de consumo. São essas despesas que determinarão o montante de seus lucros e, são, na

---

<sup>1</sup> Kalecki (1977).

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada (Desenvolvimento, Espaço e Meio Ambiente da UNICAMP/IE) e Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

verdade, a alavanca da reprodução social do capital tão bem exposto por Kalecki em seu esquema de reprodução de três setores. Só é possível sair da profunda crise através de novos investimentos e estes, por fim, conduzirão o capitalismo a novas crises. É ele próprio, o investimento, o combustível do crescimento e da crise. Essa mesma construção, não por acaso, está muito viva em Kalecki devido à clareza que o mesmo tinha sobre os efeitos que os novos investimentos causariam no ciclo econômico. Ou seja, o próspero caminho da ascensão, do aquecimento econômico, carrega em seu rastro o gérmen da crise.

Para Keynes a demanda agregada era formada por investimento (I) e consumo (C) com os quais tornava-se possível demonstrar que a oferta, como resultado dos montantes de investimentos produtivos poderia ser diferente – como de fato ocorre – da demanda final. As expectativas da demanda que determinarão a oferta. Ademais, essa é, na prática, uma das mais nítidas racionalidades capitalista. Desta forma, um aumento do gasto, através do investimento, provocaria um aumento na demanda agregada e uma elevação da renda através da propensão a consumir. Assim, ao elevar-se o investimento (I) ocorreria um aumento de renda. Se, no entanto, o consumo (C) permanecer constante, a poupança (S) se aproximaria do investimento. Com essa explicação Keynes comprovava que era o investimento uma poderosa alavanca para a acumulação e que era o mesmo quem determinava a poupança e não o contrário como defendiam os teóricos do valor utilidade. Vale acrescentar, se o investimento for baixo tanto a renda quanto a demanda – e, portanto, o nível de emprego – também serão baixos, o que caracteriza uma situação de desemprego involuntário. Na “Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda”, Keynes tratou de dar relevância às influências das expectativas (individuais e coletivas) dos agentes econômicos quanto, sobretudo, às suas decisões de investir e de produzir. Essas decisões influiriam também sobre o nível do emprego e da renda nacionais. Essas expectativas, de certa forma, derivam e estão em constante interação com as incertezas dos agentes econômicos sobre os efetivos resultados da produção e, portanto, do comportamento do ciclo econômico.

O fato é que, dado à impossibilidade de um equilíbrio estável da produção capitalista, para Keynes, as decisões dos capitalistas levam em conta o ambiente econômico passado (isto é, os fatos econômicos) influenciando as decisões do presente; o ambiente presente, influenciando as decisões futuras; e o ambiente futuro (a partir de um exercício de conjecturas do que se pode em hipótese ter) influenciando as decisões do presente. Assim, está claro na Teoria Geral o caráter de instabilidade própria do capitalismo devido à instabilidade da variável investimento. A demanda por investimento é resultante do cálculo capitalista após a análise apurada, meticulosa, de onde e como investir seu capital. Dependerá, portanto, da rentabilidade esperada de suas inversões. Desta forma, pode-se afirmar que o investimento em Keynes é determinado por um lado, pela eficiência marginal do capital ( $EmgK$ ) que em grande medida dependerá das avaliações objetivas e muito mais subjetivas do capitalista quanto ao fluxo do rendimento – a unidade temporal que é relevada para este cálculo é o futuro – de um ativo de capital (refere-se Keynes ao investimento no mercado real, após descontado seu custo de produção ou de reposição) e, por outro lado, pela taxa de juro ( $i$ ) que depende, por sua vez, da preferência pela liquidez e do estoque ou disponibilidade de moeda estabelecido pela autoridade monetária. Desta forma, para que os capitalistas tenham motivos para investir continuamente faz-se necessário que a  $EmgK$  seja maior do que a taxa de juro corrente e, ambas as variáveis, por sua vez, ainda sofrem a influência das expectativas dos capitalistas quanto aos eventos do futuro.